



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF  
II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

## POR ENTRE OS CAMINHOS DA MEMÓRIA: FOTOBIOGRAFIAS E O ENSINO DE HISTÓRIA

Arthur Rodrigues de Lima<sup>1</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
E-mail: arthur.rlima@hotmail.com

Juliana Karol de Oliveira Falcão<sup>2</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
E-mail: julianaKarol-16@hotmail.com

Auricélia Lopes Pereira<sup>3</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
E-mail: auricelialpereira@yahoo.com.br

### INTRODUÇÃO

Diante dos diferentes processos de subjetivação que presenciamos na sociedade pós-moderna um dos questionamentos que sempre vem à tona é: para que ensinar História? Ela é tidacomo uma disciplina, muitas vezes,desprestigiada entre os alunos, tachada de chata e sem utilidade, principalmente no contexto de pragmatismo no qual vivemos. Dessa forma,os principais desafios que nos são apresentados enquanto educadores é como gerarmos experiências de ensino significativas que dialoguem com a vida do educando e que não sejam norteadas unicamente pela difusão e apreensão de conteúdos, sem transformar a história em algo monótono. Nesse sentido, uma das nossas maiores preocupações em relação à nossa prática pedagógica, tem sido a constante didatização de nossas atividades visando um “melhor rendimento” dos alunos, entretanto, para isso, talvez falte mergulharmos mais profundamente no oceano desconhecido que é a vida dos alunos. A sala de aula é um universo complexo, plural e repleto de inúmeras identidades, todavia nós, enquanto professores, muitas vezes tentamos através de nossas práticas, uniformizar a diferença que enriquece as relações de ensino deixando de lado todas as nuances que fazem parte desse contexto.

Segundo Nietzsche, (2003, p.05) a:

---

<sup>1</sup> Graduando do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista PIBID/CAPES.

<sup>2</sup> Graduanda do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista PIBID/CAPES.

<sup>3</sup> Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista PIBID/CAPES.



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

instrução sem vivificação, o saber no qual a atividade adormece, deveriam ser verdadeiramente odioso para nós – na medida em que ainda nos falta o mais necessário e porque o supérfluo é o inimigo do necessário. [...] Somente na medida em que a História serve a vida a queremos servi-la.

Desta forma, a história não deve servir unicamente para a aquisição de conteúdos, mas sim desempenhar uma função fundamental, pois a História nos impulsiona para vida. Padecemos de uma “febre histórica”, e se não concordarmos com isso, ao menos, deveríamos reconhecer que precisamos dela. Foi partindo desta premissa que resolvemos desenvolver com os alunos do 6º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação, em Campina Grande-PB, a produção de fotobiografias. Nela os alunos produziram uma espécie de diário, álbum das suas vidas, buscando relacionar fatos de sua história pessoal com algo ocorrido simultaneamente com caráter local, estadual, nacional ou, até mesmo, internacional. Os alunos poderiam escrever e anexar fotografias de cada momento relatado.

A escola tem localizado em seu entorno o Museu de Artes Assis Chateaubriand, que na época da aplicação dessa atividade exibiu uma exposição sobre a vida de Jackson do Pandeiro, o paraibano de Alagoa Grande, logo começamos a questionar os alunos com a seguinte indagação: quem produz a história? Tendo em vista que a exposição apresentava a vida de um dos maiores nomes da música nordestina, será que só os grandes nomes produzem história? No intuito de levá-los a se compreenderem enquanto sujeitos históricos e produtores da trama histórica. Portanto, motivamos os alunos a produzirem sua história, apresentarem suas memórias, tendo em vista que “o dever de memória faz de cada um, historiador de si mesmo” (NORA, 1981, p.17). A história é produzida no cotidiano através das inúmeras operações de caça em que somos protagonistas (CERTEAU, 1998), logo os alunos foram motivados a relacionarem fatos de suas vidas com a conjuntura em que estavam inseridos.

Trabalhar com a memória é algo bastante desafiador, principalmente, no contexto atual em que a necessidade identitária parece estar compondo a experiência coletiva dos homens e a identidade tem no passado o seu lugar de construção. Porém, esta identidade que emerge na narrativa da memória é



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

proveniente de um lugar, e este deve ser problematizado pela atividade do historiador.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atos, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1981, p.13)

Pois, se a memória é composta por mecanismos de depósito, armazenamento, retenção, também o é por mecanismos de seleção e descarte. É esta compreensão que tem levado nos últimos anos os historiadores a se dedicarem ao desvendamento das “memórias subterrâneas”, contra a memória dita oficial. Principalmente no atual período em que a sociedade é dependente do chamado arquivamento do eu, tendo em vista, que o mundo pós-moderno apresenta como necessidade para existir, segundo Philippe Artières: “inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias”, (1997, p.03) em suma arquivar a própria vida, isto se dá também por causa do temor do esquecimento que vai gerar a obsessão pelo registro (que é sinônimo de obsessão pela história) e pelos lugares de memória (NORA apud FÉLIX, 1993). Compreendendo que tal atividade não é privilégio de “homens ilustres, dos heróis da história”, todo indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício. Artières ainda defende que “devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo para existir no cotidiano” (1997, p.07).

## **METODOLOGIA**

Após adiscussão sobre as principais características da memória, sua natureza individual e coletiva, sua seletividade, sua utilização para construção do processo de formação da identidade e para manutenção da coesão de grupos e das instituições que compõem uma sociedade, após o debate do seu pertencimento a um lugar discursivamente construído, propomos aos alunos que elaborassem suas fotobiografias, tendo como marco inicial o ano de seu nascimento. Nela, deveria haver a narrativa até o ano em que estavam cursando na escola, buscando relacionar fatos de suas vidas, como por exemplo, o primeiro dia de aula, e o que acontecia em seu, bairro, cidade, país etc. Logo, foi necessário, por parte dos alunos, um trabalho de pesquisa para que obtivessem tais elementos para a



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

composição de suas fotobiografias<sup>4</sup>. Aos alunos que não obtiveram as fotos foi orientado que poderiam produzir algum desenho desde que não deixassem de descrever e problematizar seja o desenho ou a fotografia.

Após as duas semanas dedicadas à confecção das fotobiografias foi realizado um momento de integração entre a turma onde deveriam apresentar os seus trabalhos. Os alunos foram orientados a falarem daquilo que achavam conveniente, tendo em vista que, muitos relataram problemas familiares, e fatos que talvez não desejassem que viessem à tona. Os pibidianos, em conjunto com o professor supervisor do sub-projeto na escola, estiveram monitorando a atividade e sempre buscando deixar claro que a história não é só produção dos grande nomes, mas que as pessoas ditas comuns produzem história através do seu cotidiano e diferentes experiências de vida, com o objetivo de despertarmos a compreensão de que somos todos sujeitos históricos.

## RESULTADOS ALCANÇADOS

Podemos perceber que a memória é um instrumento de (re) construção da identidade, pois, “essa dimensão social da memória explica também porque não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; [...] a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanentes transformações” (FÉLIX, 2004, p. 40), além disso, quando o indivíduo é privado de memória é também privado de identidade, portanto não se trata apenas de relatos factuais.

Desse modo, os alunos além de trazerem os fatos considerados mais importantes em suas vidas, trouxeram também suas impressões sobre eles. Foram narradas as mais diversas situações possíveis e podemos traçar um perfil da turma que, sem dúvida, pode favorecer na organização do planejamento e um melhor desenvolvimento do ensino de história. Foram apresentados fatos como a copa do mundo, o desastre da barragem de camará em Alagoa Grande, o São João de Campina Grande, os atentados de 11 de setembro, em fim, vários acontecimentos que de forma direta ou indireta estiveram relacionados à vida dos alunos.

Muitos alunos colocaram como a cidade passou a se tornar cada vez mais violenta nos últimos anos, que desejavam morar em uma cidade melhor, outros

---

<sup>4</sup> Também devemos lembrar que para a elaboração das fotobiografias se torna necessário uma discussão sobre o conceito de linha de tempo, tendo em vista que o trabalho com a fotobiografia é a constituição de uma linha de tempo da vida dos alunos, deixando claro que a linha do tempo se trata de uma organização do conhecimento histórico e que não está livre de intenções.



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

colocaram que não aguentavam mais presenciar discussões entre seus pais, que eram separados, e desejava que sua família fosse unida, um desenho revelava a dor de uma criança que viu seu pai sair de casa quando tinha sete anos e nunca mais voltar, tendo que ficar sozinha com a mãe. As fotobiografias sem dúvida nos ajudaram a compreender o mundo paralelo ao da sala de aula, em que os alunos vivem e que muitas vezes passam despercebidos pelos professores. As fotobiografias puderam nos demonstrar que educar é muito mais do que a transmissão de conteúdos, e que não se adquire postura por meio do discurso. Os alunos puderam perceber como os saberes históricos estão intrinsecamente presentes em seus cotidianos, desenvolvendo a consciência crítica e o trabalho com novas formas de linguagem.

## CONCLUSÃO

Os educadores devem considerar as falas, as propostas, as habilidades, as competências dos alunos e caso não consigamos ver na História a possibilidade de compreendermos a nós mesmos e aos outros, de nada valerá o nosso ofício, seja como historiador, seja como educador. Precisamos de um ensino de História que não nos afaste da imaginação, mas que nos faça reaprender a conviver e a dialogar com os outros, escutá-los com atenção analítica, mediar saberes. A sala de aula é um lugar privilegiado para se perceber tensões, mas acima de tudo, um espaço onde se possa encontrar saídas de forma criativa. E não um espaço onde a última palavra é a do professor o mestre e detentor do saber.

O trabalho com a fotobiografia pode favorecer no diagnóstico dos conhecimentos, domínios e atitudes dos alunos, para que a seleção dos conteúdos leve em consideração as questões contemporâneas pertinentes à realidade social, econômica, política e cultural em que vivem. Proporcionando uma experiência de ensino significativa que colabore para o processo de subjetivação dos alunos e de construção de identidades, como também para a edificação da visão de alteridade, elemento fundamental no universo da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Revista de estudos Históricas. CPDOC/FGV. Vol.11. n. 21, 1978. (p.01-30).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Traduzido por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 (p.38-45).



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

FELIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. 2. Ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Segunda Consideração Intempestiva**: da utilidade e desvantagem da História para a vida. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Conexões, 2003. (p.05-25).

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Traduzido por Yara AunKhoury. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981. (p.7-28).

MIRANDA, Lílian Lisboa. CASADEI, Silmara Rascalha. **Qual a História da História**. São Paulo: Cortez, 2010.